

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
ARIANA BATISTA DA SILVA
(ORGANIZADORES)

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

4

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
ARIANA BATISTA DA SILVA
(ORGANIZADORES)

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

4

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora



Prof^o Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A educação enquanto fenômeno social: avanços, limites e contradições 4

Diagramação: Camila Alves de Cremo

Correção: Flávia Roberta Barão

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Revisão: Os autores

Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Ariana Batista da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: avanços, limites e contradições 4 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ariana Batista da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0156-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.568222604>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Silva, Ariana Batista da (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Neste livro, intitulado de **“Educação enquanto Fenômeno Social: avanços, limites e contradições”**, reúnem-se estudos dos mais diversos campos do conhecimento, que se complementam e articulam, constituindo-se enquanto discussões que buscam respostas e ampliado olhar acerca dos diversos problemas que circundam o processo educacional na contemporaneidade, ainda em um cenário de desafios demandados pela Pandemia.

Sabemos que o período pandêmico, como asseverou Cara (2020), escancarou e asseverou desigualdades. Nesse movimento de retomada do processo de ensino e aprendizagem presencial, pelas redes de ensino, o papel de “agente social” desempenhado ao longo do tempo pela Educação passa a ser primordial para o entendimento e enfrentamentos dessa nova realidade, vivenciada na atualidade. Dessa forma, não se pode resumir a função da Educação apenas a transmissão dos “conhecimentos estruturados e acumulados no tempo”. Para além do “ler e escrever, interpretar, contar e ter noção de grandeza” é papel desta, assim como, da escola, enquanto instituição, atentar-se as inquietudes e desafios postos a sociedade, mediante as incontáveis mudanças sociais e culturais (GATTI, 2016, p. 37).

Diante disso, a Educação se consolida como parte importante das sociedades, ao tempo que o “ato de ensinar”, constitui-se num processo de contínuo aperfeiçoamento e transformações, além de ser espaço de resistência, de um contínuo movimento de indignação e esperar, como sinalizou Freire (2018). No atual contexto educacional, a Educação assume esse lugar “central”, ao transformar-se na mais importante ferramenta para a formação crítica e humana das pessoas, como lugar real de possibilidade de transformação da sociedade.

Destarte, os artigos que compõem essa obra são oriundos das vivências dos autores(as), estudantes, professores(as), pesquisadores(as), especialistas, mestres(as) e/ou doutores(as), e que ao longo de suas práticas pedagógicas, num olhar atento para as problemáticas observadas no contexto educacional, buscam apontar caminhos, possibilidades e/ou soluções para esses entraves. Partindo do aqui exposto, desejamos a todos e a todas uma boa, provocativa e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva
Ariana Batista da Silva

REFERÊNCIAS

CARA, Daniel. **Palestra online promovida pela Universidade Federal da Bahia, na mesa de abertura intitulada “Educação: desafios do nosso tempo” do evento Congresso Virtual UFBA 2020**. Disponível em: link: <https://www.youtube.com/watch?v=6w0vELx0EvE>. Acesso em abril 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.


GATTI, B. A. Questões: professores, escolas e contemporaneidade. In: Marli André (org.). **Práticas Inovadoras na Formação de Professores**. 1ed. Campinas, SP: Papyrus, 2016, p. 35-48.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

LA VIRTUALIDAD SALVÓ LA REALIDAD: EXPERIENCIA DE ESTUDIANTES DURANTE LA PANDEMIA

Gabriela Fernández Saavedra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226041>


CAPÍTULO 2..... 8

UMA ANÁLISE SOBRE A EVASÃO E PERMANÊNCIA DO ALUNO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -EJA NA EMEF. “DOM CLEMENTE GEIGER” –ALTAMIRA/PÁ, (2011- 2021)

Ronaldo dos Santos Leonel

Joab Marques da Costa

Antonio dos Santos Leonel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226042>


CAPÍTULO 3..... 20

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA DE UMA ABORDAGEM PARA ALÉM DA CRÍTICA

Kele Cardoso da Silva

Camila Brüning

Carolina de Souza Walger


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226043>

CAPÍTULO 4..... 39

A ESCOLA COLOCA EM RISCO A UNIDADE INTEIRA: DILEMAS E CONFLITOS NA GESTÃO DO PROCESSO SOCIOEDUCATIVO

Roseanna de Andrade Moura Silva

Nalayne Mendonça Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226044>

CAPÍTULO 5..... 54


INTEGRAÇÃO, TEORIA E PRÁTICA EM UM ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE DE TERAPIA OCUPACIONAL

Roberta de Oliveira Corrêa

Ana Cláudia Martins e Martins

Ester Miranda da Silva

Renato da Costa Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226045>


CAPÍTULO 6..... 64

DIÁLOGOS SOBRE SEXUALIDADE NA ADOLESCENCIA COM ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Audete Simão de Souza

Jean Carlos Matos de Sousa

Ihorranny da Silva Conrado


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226046>

CAPÍTULO 7..... 76

O DESEMPENHO DOS ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM QUÍMICA, DA UFMT, CAMPUS CUIABÁ, NO CURSO E NO ENADE, E A REFLEXÃO SOBRE QUALIDADE

Leandro Elias dos Santos

Marta Maria Pontin Darsie


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226047>

CAPÍTULO 8..... 86

MODOS DE PERTURBAR O ESTATUTO DOS SABERES NA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Carmen Lúcia Capra


Daniel Bruno Momoli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226048>

CAPÍTULO 9..... 98

GESTÃO ESCOLAR: PROCESSO DE ESCOLHA DE UM GESTOR

Ednalva Tavares de Mendonça Telinhos Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226049>

CAPÍTULO 10..... 108

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Sandra Lia de Oliveira Neves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260410>

CAPÍTULO 11..... 120

DINÂMICAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFBA

Graziela Silva Ferreira


Ana Rita Silva Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260411>

CAPÍTULO 12..... 128

REPRESENTACIONES CONFLICTIVAS: OPERANDO NÚMEROS DECIMALES

Carlos A. LópezLeiva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260412>






CAPÍTULO 13..... 140

O FORTALECIMENTO DO PAPEL DO COORDENADOR ESCOLAR POR MEIO DAS FORMAÇÕES REGIONAIS COLABORATIVAS NA CREDE 08


José Alves da Silva

Lucia Kelly Souza Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260413>

CAPÍTULO 14	146
A MATEMÁTICA DO VESTUÁRIO	
Girleide Maria da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260414	
CAPÍTULO 15	166
REPENSANDO O DISCURSO EMPREENDEDOR NA ESCOLA: A ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA COMO POSSIBILIDADE FRENTE À OFENSIVA NEOLIBERAL “EMPREENDEDORA”	
José Raimundo Oliveira Lima	
Lucas Cauã de Souza Mota	
Neusa Núbia Carvalho da Silva	
Verônica Ramos da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260415	
CAPÍTULO 16	179
ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO NA EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Vilma Aparecida Bianchi	
Rita Melissa Lepre	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260416	
CAPÍTULO 17	187
CONTOS, MITOS E LENDAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
Edméia da Conceição de Faria Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260417	
CAPÍTULO 18	203
¿QUÉ COMPARAR CUANDO SE COMPARAN LAS DESIGUALDADES EN LOS SISTEMAS EDUCATIVOS? MÁS ALLÁ DE LAS DESIGUALDADES ESCOLARES, LA REPRODUCCIÓN SOCIAL	
Silvia Verónica Valdivia Yábar	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260418	
CAPÍTULO 19	211
PROJETO TÁ LIMPEZA: UMA INICIATIVA SUSTENTÁVEL EM FAVOR DOS AMBIENTES COSTEIROS	
Yago Victor Taurino Vilarim	
Ana Carolina da Silva Marques	
Maria Clara Lemoine Soares Paes	
Maria Raissa Coelho Marchetti Trindade	
Mariane Gomes Barboza	
Mário Henrique da Silva Soares	
Túlio Seabra Camelo	
Welemberto Fernando dos Santos Lima	
Wilka Vitória Granjeiro do Nascimento	

Yasmim Gomes Alves de Brito
Paulo Guilherme Vasconcelos de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260419>

SOBRE OS ORGANIZADORES	218
ÍNDICE REMISSIVO.....	219

CAPÍTULO 17

CONTOS, MITOS E LENDAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Data de aceite: 01/04/2022

Edméia da Conceição de Faria Oliveira

Professora, escritora, folclorista e promotora de leitura
Belo horizonte

RESUMO: Neste trabalho, a autora faz breve estudo dos contos, mitos e lendas. E socializa suas vivências com essas narrativas na infância, na sala de aula como aluna e, mais tarde, como professora e educadora. A metodologia utilizada são a pesquisa de campo, a pesquisa bibliográfica e o relato de experiência. E tem por objetivo, preservar a memória e a cultura popular tradicional, bem como contribuir para a instrumentalização do professor contador de histórias e mediador da leitura. Espera-se, com este relato, contribuir para as reflexões propostas no XIII Jogo do Livro e para a utilização das narrativas da tradição oral como recurso didático multidisciplinar nas práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; narrativas da tradição oral; contos, mitos e lendas.

ABSTRACT: In this paper, the author conducts a study of tales, myths and legends. And she shares her experiences with these narratives in her childhood, in the classroom as a student, and later as a teacher and educator. Bibliographic research and experience report are the methodologies of choice. This work aims to preserve the memory and traditional popular culture, as well

as to contribute to the instrumentalization of the teacher-storyteller and reading mediator. This report is expected to contribute to the reflections proposed in the XIII Book Game and to the use of oral tradition narratives as a multidisciplinary didactic resource in pedagogical practices.

KEYWORDS: Literature; narratives of oral tradition; tales, myths and legends.

A tradição é a alma do povo. Povo sem tradição é como árvore de raiz doente. E quando a raiz da árvore está doente, suas folhas murcham e caem, os ramos apodrecem e a árvore morre.

(Saul Martins)

INTRODUÇÃO

As narrativas da tradição oral surgiram em tempos primevos pela necessidade de o homem se expressar, transmitir e preservar sua cultura. De boca em boca, essas narrativas correram mundo. E chegaram a todos os cantos e recantos da Terra, modificadas e enriquecidas pela imaginação e poder da fantasia. E deram origem à Literatura propriamente dita.

Para efeito didático, tais narrativas foram divididas em mitos, lendas, contos e fábulas (WEITZEL, 1983); ou mitos, lendas e contos (MARTINS, 1986), levando em consideração o conteúdo, os aspectos e as personagens.

Almeida (1957) alerta para a ideia de mito ser ambivalente em Folclore – de um lado o fato (crença), do outro, a narrativa (literatura

oral).

Nos limites deste trabalho, far-se-á, abordagem do ponto de vista da narrativa, de acordo com determinadas características. Assim, considerar-se-á:

1. **Mito** - narrativa de conteúdo sobrenatural, personagem mítica: Papai Noel, saci, lobisomem, mula-sem-cabeça.
2. **Lenda** – narrativa exagerada de um fato real, transformado pelo poder da fantasia, até adquirir o aspecto do maravilhoso: lara, a mãe d'água; vitória-régia; a flor luminosa.
3. **Conto** – narrativa fictícia, criada pelo poder da inteligência e da imaginação do autor.

De origem controvertida, o conto é a mais alta expressão da literatura oral em prosa. Câmara Cascudo aponta a antiguidade, o anonimato, a divulgação e a persistência como as principais características do conto.

Em geral, a estória começa de modo vago e impreciso: *Era uma vez... Dizem que era uma vez...*e possui modelos tradicionais de fecho:

*Entrou por uma porta
e saiu por outra,
quem quiser
que conte outra.*

*Morreu a vaca vitória,
acabou-se a história.*

Em 1812, os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, lançaram a primeira edição de sua coletânea de contos, recolhidos com o intuito de preservar essas narrativas anônimas.

No Brasil, o mérito cabe a Sílvio Romero, devendo assinalar as publicações de Basílio de Magalhães e Lindolfo Gomes, que estudou os contos por ciclos temáticos.

MODALIDADES

Várias são as modalidades de conto popular – contos de amor, de encantamentos, contos morais e religiosos, contos que envolvem animais, anões e gigantes, reis, príncipes, fadas, bruxas e papões. Como espécie de conto popular, incluem-se as fábulas, estórias, o caso, a anedota, o conto de adivinha, a estória impossível, estória sem fim, o conto etiológico, e a estória mítica.

Nesse sentido também há divergência entre os estudiosos. Adotamos, neste trabalho, a classificação utilizada por Saul Martins no livro *Folclore: Teoria e Método*.

Fábula - narrativa curta, cujos personagens são, geralmente, animais irracionais que pensam, falam, agem e sentem como seres racionais. Encerram, comumente, um ensinamento, um princípio moral.

Acredita-se que a fábula seja a espécie de conto mais antiga. Esopo (VI A.C.) foi o fabulista mais famoso de todos os tempos, a ponto de ser chamado o pai da fábula. O gênero é, no entanto, popular. E muitas fábulas a ele atribuídas já eram do conhecimento do povo, afirma Weitzel (1995).

Prosopopeia – as coisas inanimadas têm ação – dá-se vida aos mortos, fala às árvores e às pedras.

Parábola – hoje em desuso na fala vulgar, foi empregada nos tempos bíblicos. Jesus dela serviu inúmeras vezes em suas pregações. A parábola faz uma narrativa imaginária, inspirada em fato sucedido. Tem a função de dizer indiretamente. O propósito é que a verdade venha a ser deduzida, sem alarde, e reparado o mal.

Caso – narrativa de um acontecimento, enfeitado pela fantasia e chegando, por vezes, às raias do absurdo.

Anedota ou piada – forma de pequeno conto jocoso, caracterizado por seu desfecho inesperado, para provocar o riso. Têm a função de satirizar o comportamento social.

Estória impossível – sobressai a falta de lógica. A finalidade é apenas lúdica.

Conto de adivinha – propõe uma adivinhação, sendo um enigma.

Conto etiológico – explica a origem da característica mais saliente dos seres; por exemplo, a razão do sapo ter a boca grande.

Estória sem fim ou conto periódico – Apenas o fecho diverge das demais estórias, repetindo uma ação indefinidamente ou repetindo a própria estória.

Estória mítica – aquela que esclarece a existência do mito. Por exemplo, Papai Noel tem sua história: chamava-se Nicolau. Existiu mesmo. Trabalhava o ano todo só para comprar presente para distribuir às crianças por ocasião do Natal. Após sua morte, adotou-se o costume. Ensina Saul Martins.

Muito se tem a falar dos diversos tipos de narrativas, suas classificações e variantes. O propósito, porém, desta comunicação é socializar a vivência da autora com a literatura oral, desde a infância no seio da família; nos primeiros anos de escolaridade e, mais tarde, como professora em sala de aula. Bem como relatar a influência da tradição oral em sua formação, e seus reflexos em sua obra literária.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Divertindo e ensinando desde tempos imemoriais, as narrativas da tradição oral têm funcionado como a primeira escola do homem. Revelam, segundo Cascudo, informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. Daí ter-se dito que a morte de um contador de histórias representa para a cultura o mesmo desastre que o incêndio de uma biblioteca. Em ambos os casos ocorrerá um vazio difícil de se cobrir novamente.” (Cascudo, 1952, apud Weitzel, 1983).

OBJETIVOS

- Contribuir para a preservação da memória e da cultura popular tradicional;
- Contribuir para a instrumentalização do professor contador de histórias e mediador da leitura.
- Divulgar a experiência com as narrativas da tradição oral na formação da autora, bem como sua utilização como recurso didático multidisciplinar nas práticas pedagógicas.

METODOLOGIA

Pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica e relato de experiência.

JUSTIFICATIVA

O êxito no ensino-aprendizagem e formação do educando começa em casa pela oralidade e pelo afeto. O bebê se reconhece e insere na sociedade pela linguagem já nas primeiras mamadas, ouvindo os acalantos e as brincadeiras faladas ou cantadas, que alimentam o espírito, enquanto o leite alimenta o corpo. Só assim, o infante descobre o mundo ao seu redor e aprende a olhá-lo, a interagir para transformar a realidade. A criança que cresce ouvindo cantigas e histórias desperta o gosto pela leitura literária, aprende os valores do grupo e aprofunda suas raízes.

As narrativas populares são, pois, um recurso didático lúdico e multidisciplinar: divertem, ensinam, alegam o espírito, desenvolvem a linguagem, a criatividade, a capacidade de falar e de ouvir. Contribuem para a socialização do indivíduo; aproxima gerações, une pessoas e povos; resgatam valores universais fundamentais à convivência harmônica, tais como o amor e o respeito. Além de contribuir para a criação da identidade e preservação da cultura nacional.

Com o advento da indústria e o avanço tecnológico, o homem vai se isolando atrás das máquinas, perdendo o contato direto com os semelhantes e a capacidade de comunicação boca a boca. E o costume de contar e ouvir história no seio da família perde espaço para o lazer individual e passivo diante da TV e da internet, acessível, na pós-modernidade, também em instrumentos como o celular e o tablet, já vulgares até em comunidades rurais entre os nativos, como os índios e certas tribos africanas das regiões mais longínquas do Planeta.

Com isso, o homem corre o risco de perder as raízes e a identidade. Voltar às cavernas, e até mesmo o risco de extinção da própria raça humana. Daí a necessidade de conferir às narrativas populares o lugar que sempre ocuparam na transmissão da cultura e formação das novas gerações. Com o novo modelo de família e de sociedade, vão-se perdendo as tradições. Neste caso, cabe à Escola, responsável pela educação, trazer

essas narrativas para a sala de aula, como forma de lazer, de preservação da cultura e também recurso didático, em todos os níveis de ensino.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

1. As narrativas da tradição oral na minha formação

Minha vivência com as narrativas orais vem da infância. E é uma tradição de família. Minha mãe, Dona Inês Alves de Oliveira, professora leiga, as utilizava, de forma espontânea, como lazer, instrumento de educação e recurso didático – herança do meu avô, Francisco Honorato de Oliveira, conhecido por Chiquinho Mestre pelo ofício de ensinar a arte de ler e escrever.

Meu avô viveu e ensinou no final do século XIX e início do século XX, no município de Pompéu – região agropecuária do Alto São Francisco, às margens do Rio, povoado de mitos, lendas e contos. E falta de escola.

Contratado para ensinar de fazenda em fazenda, Chiquinho Mestre, alfabetizava pelo método silábico. E utilizava, como material de leitura, a literatura oral, textos compilados no livro *Histórias do Arco da Velha*, fonte em que beberam minha mãe, os irmãos e Sô Augusto Ferreira Leite, o vizinho contador de histórias que povoou meu mundo de seres fantásticos. Mas disso eu só tive conhecimento mais tarde, com minha mãe contando a própria história.

Órfã aos seis anos de idade, minha mãe não foi alfabetizada pelo pai, como os irmãos mais velhos. Mas herdou-lhe o dom. E bebeu na mesma fonte: a bíblia, livro de cabeceira da minha avó Juvenita, e o livro de histórias, deixado por meu avô – seu maior legado.

Aos quatorze anos, segui os passos do pai-mestre, alfabetizando filhos de fazendeiros vizinhos. Utilizava o mesmo método silábico e o mesmo livro de histórias.

Casada aos dezesseis, mudou-se da Fazenda do Morro do Chapéu para a Fazenda, denominada Cigano, onde nasceram os quatro primeiros filhos. Meu pai foi contratado para tomar conta da fazenda, e nós mudamos para a sede. Eu tinha, então, três anos de idade. Na casa sede, minha mãe improvisou uma sala de aula para alfabetizar os filhos e os vizinhos agregados – adultos e crianças. Eu, a caçula, não tinha idade para frequentar as aulas, mas aprendi a ler, naturalmente, por volta dos quatro anos, ouvindo o b a ba, os poemas e as narrativas da tradição oral lidas por mamãe e contadas por sô Augusto Ferreira Leite, um vizinho com o dom de contar e encantar.

Na escola (rural), aos seis anos, já alfabetizada, entrei em contato com a literatura oral, por meio dos contos de fada, registrados em livros. Na didática da professora, Mariana Ribeiro de Campos, carinhosamente chamada de Dona Maninha, oralidade e escrita andavam de mãos dadas. Ler e contar história eram atividades complementares. As aulas começavam sempre pela contação de história por um aluno previamente escolhido. Cada

dia, um contador diferente, uma nova história, aprendida em casa com os mais velhos. Em seguida, introduzia-se a leitura, acompanhada de outras atividades. Assim se conheciam e preservavam as tradições orais, o antigo costume das famílias de se reunir para contar e ouvir história. Ao mesmo tempo, motivavam e desenvolviam as habilidades da leitura e escrita.

Em casa, meu irmão do meio e eu dramatizávamos espontaneamente esses contos de encantamento – até então, a literatura infantil disponível. Qualquer objeto, qualquer ambiente se transformava, pela imaginação e poder da fantasia, em personagem, em floresta, casa de bruxa, varinha de condão.

Certa vez, papai nos colocou dentro do caixão de arroz para ajudar ensacar a sobra do ano passado, a fim de desocupar o espaço para a nova safra, como de costume. No final, papai nos deixou sozinhos, juntando um resto de grãos no fundo. Meu irmão Edmundo achou um rabinho de lagartixa. Pronto. Tudo se transformou, quando ele disse com voz diferente:

– Mostra o seu dedinho!

Mostrou a pontinha mais fina do rabo por cima do caixão. Entendi tudo e disse:

– Magrinho, magrinho.

Entregou-me o tal rabinho. E repetiu a ordem da bruxa:

– Mostra o seu dedinho!

Fiz o mesmo: mostrei a pontinha mais fina por cima do caixão. E ele, com voz de bruxa, disse:

– Magrinho, magrinho.

Meu pai voltou. Sem saber de nada, ajudou-me a sair de dentro do caixão, que era fundo, como tinha feito para entrar. Meu irmão saiu sozinho, do jeito que entrou: pela escada, colocada para este fim. Cá fora, era a floresta. Olhamos um para o outro, livres da bruxa e da prisão. E não dissemos mais nada. Voltamos para casa, sãos e salvos, carregando os tesouros, como no tradicional conto *Joãozinho e Maria*.

Foi este, talvez, o momento mais mágico de toda a minha vida.

No caminho da escola, também encenava, de acordo com o momento e as circunstâncias. Onde o cerrado era mais fechado, sentíamos o cheiro de lobo, ouvíamos seus passos e o abanar de orelhas. A meninada passava em desabalada correria. Eu, a menorzinha, ficava para trás. Era quando vestia a capa da Chapeuzinho Vermelho, desviava para um pequeno trilho à beira da estrada e começava a colher flores para levar à vovozinha.

Nesses teatros espontâneos, que nunca assistimos antes nem nunca ensaiamos, vivi as melhores cenas e interpretei todas as personagens dos contos populares conhecidos. Além de Maria e Chapeuzinho Vermelho, vivi A Gata Borralheira, com a qual me identificava, com meu vestido sujo de esfregar a barriga na bica de água corrente, ajudando a lavar vasilha; o Gato, usado pelo Macaco para tirar as castanhas quentes na chapa... Também

vivi todas as mulheres das histórias de amor da literatura de cordel, a começar por Eunice, a amada de Antônio Silvino, cuja história ouvi contada por minha madrinha no dia que trouxe o livro para minha mãe. Eu tinha seis anos. Peguei o livro e fui ler sozinha no jardim, espaço onde o cangaceiro encontrava a namorada à sua espera, quando todos fugiam amedrontados. Só Eunice não teve medo. Só o amor não tem medo. A história encantou-me.

No hiato entre o curso primário e o secundário, motivado pela falta de escola pública na região, continuei ouvindo, lendo, contando e brincando com as narrativas populares tradicionais. Caçula até onze anos, fui pajem dos dois irmãos mais novos, que nasceram na cidade. Toda tarde, saía reunindo a meninada para brincar na rua, contar e ouvir história.

Nasci, pois, e cresci ouvindo as narrativas da tradição oral. Com elas, aprendi a língua e a linguagem dos homens. Os modos de viver, pensar, sentir e agir do meu povo me entraram pelos ouvidos como cantiga de passarinho. E se aninharam em meu coração. Entranharam meu barro como o sopro divino da criação, dando vida a meu espírito, formando o ser que me habita e a educadora e escritora que emergiria mais tarde, sob a influência dessas narrativas. São contos de fadas, sob a ótica moderna, meus dois primeiros livros infantis: *O Segredo da Rainha* (Ed. Lê. 1995) e *Felizes para Sempre* (Miguilim, 1996), Prêmio Monteiro Lobato de Literatura Infantil.

2. Experiência com o conto, a lenda e o mito como recurso didático em sala de aula

Professora no curso ginásial, (2º ciclo do Ensino Fundamental) nos anos 1969-1994, introduzi estas narrativas em sala de aula com o objetivo de desenvolver a expressão oral, motivar os estudo de forma lúdica e multidisciplinar; aproveitar o conhecimento prévio dos alunos; conhecer seus gostos e preferências; a cultura do grupo, os costumes e tradição das famílias. E despertar a vocação latente em cada um.

Para favorecer a iniciativa do grupo e participação efetiva de todos os membros, procurei orientar sem interferir muito na organização e realização das atividades, visando à liberdade de expressão e à diversidade.

A partir do estudo da lenda *A Flor Luminosa*, proposta no livro didático, orientei a pesquisa das narrativas orais, correntes na região. Sugeri que cada um apresentasse para a classe uma história, um caso, uma piada aprendida em casa, com a mãe, o pai, um tio, os avós, ou com os vizinhos. Abri, assim, espaço para a iniciativa individual e a cultura popular. Não poderia haver ideia mais feliz.

O primeiro passo foi orientar a escuta de tais narrativas e o reconto oral. A aula seguinte foi um espetáculo. Lendas, mitos e contos populares invadiram a sala. Vi, nesse dia, que estava diante da mina. Tinha, ao alcance dos dedos, rico e farto material, eficaz no ensino-aprendizagem. Começamos a recolher essas narrativas e utilizar como recurso didático em sala de aula.

Num segundo momento, fizemos a transcrição tal como foi ouvida. Depois, levamos para a sala outras narrativas recolhidas e transcritas por estudiosos renomados, como Sílvio Romero e Câmara Cascudo, dentre outros. Nesse trabalho, estudamos as semelhanças e diferenças entre oralidade e escrita. Observamos que a escrita não dá conta da oralidade nem a oralidade dá conta da língua escrita. É necessário, portanto, fazer um ajuste entre as duas linguagens, utilizando, na transcrição, a linguagem coloquial, porém sem os vícios da fala.

Como os irmãos Grimm, não nos preocupamos em fazer a distinção entre as várias modalidades de narrativa. Não era esse o nosso objetivo. Ainda assim, algumas semelhanças e diferenças entre as diversas narrativas recolhidas, levaram à percepção de certas características da lenda, do mito e do conto popular, conforme classificação feita por Câmara Cascudo.

RESULTADO

O trabalho com as narrativas da tradição oral tornou as aulas mais divertidas, dinâmicas e proveitosas; despertou o interesse pela pesquisa, pela história, pela cultura popular tradicional e pela leitura. Contribuiu para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita; promoveu entre os alunos a amizade, a solidariedade e o respeito pelo diferente; elevação da autoestima, melhoria do relacionamento pessoal e interpessoal. Favoreceu a aproximação de gerações, bem como de vizinhos e entre a escola e a comunidade, além de proporcionar múltiplas aprendizagens nos diversos campos do saber, de maneira lúdica, afetiva e interdisciplinar.

Nesse trabalho, diferentes versões da mesma narrativa foram recolhidas. Dentre elas, a Lenda da Luz Santana – vulgar na região – e outras que dão origem a topônimos, como Morro da Saudade, Morro Doce e Cachoeira do Choro; mitos da quaresma e do São Francisco; e de várias modalidades de contos correntes na região. O que resultou em conhecimento mais profundo da história e geografia do município; da cultura local e, ao mesmo tempo, universal; compreensão de determinados fenômenos; e a consequente valorização da nossa terra, da nossa gente, da nossa cultura.

CONCLUSÃO

Numa sociedade globalizada e informatizada como a que vivemos, o homem tende a se isolar, perdendo suas raízes e identidade. Com o avanço tecnológico e a globalização, culturas se interpenetram, confrontando seus valores e seus mitos. Nesse contexto, corre-se o risco da substituição da cultura genuína por modelos estereotipados e valores duvidosos. Corre-se o risco da robotização do homem e marginalização de povos e comunidades menos favorecidas, exatamente as que ainda preservam os costumes e valores tradicionais.

Com o advento da indústria e a divisão do trabalho e, mais recentemente, o surgimento de novas “mídias”, as narrativas da tradição oral perderam espaço na família e na sociedade. E a comunicação boca a boca vem sendo substituída por mensagens curtas, impessoais e, muitas vezes, esvaziadas de sentido, nas redes sociais. Com a nova forma de estruturação do trabalho, da família e da sociedade, não há espaço de convivência para as crianças e os idosos em casa; não há espaço para o diálogo, para a fala, para a transmissão de costumes, pensamentos, sentimentos; de valores, da cultura genuína. E a comunicação vai-se perdendo, dificultando a convivência pessoal e interpessoal, criando barreiras a qualquer tipo de relação com o outro. As consequências do isolamento resultam em comportamentos antissociais que têm levado a condutas irracionais. Pesquisas apontam para um número crescente e assustador de casos de homicídio, feminicídio e suicídio, que atingem, principalmente, os mais vulneráveis, como as crianças, os adolescentes e as mulheres.

Recentemente, a figura do contador de histórias profissional busca preencher esta lacuna, resgatar as narrativas da tradição oral e preservar o antigo costume de contar e ouvir histórias. É uma atividade nobre e prazerosa. Agrada, encanta, diverte, instrui e contribui para amenizar o problema de desemprego em países como o Brasil. Não sei se dá conta da relação afetiva, se cria laços duradouros, capazes de irmanar os homens.

A escola, continuação do lar, ou substituta das relações familiares, como vem acontecendo, precisa rever seus conceitos, seus valores e métodos, considerando que o homem é um ser social, lúdico e afetivo por natureza. Trazer de volta as narrativas orais para a roda-de-conversa, sem o espetáculo, onde todos os membros do grupo tenham, cotidianamente, acesso à palavra de forma natural e espontânea, garantem o desenvolvimento global do educando. Cabe ao Estado e às instituições particulares de ensino melhorar a qualidade da Educação, incluindo o Folclore e a Literatura no currículo também dos cursos de formação de professores de Educação Infantil e Fundamental.

Nossa experiência revela que as narrativas tradicionais e a literatura em sala de aula divertem, humanizam e unem as pessoas; favorecem as relações; contribuem para o desenvolvimento da personalidade e das potencialidades do educando; despertam a vocação; criam a disciplina; fortalecem a vontade e o espírito.

Esperamos, com este relato, contribuir para a reflexão proposta no XIII Jogo do Livro e servir de referência a outros professores para o êxito na formação do educando, e de uma sociedade mais justa e mais humana.

REFERÊNCIAS

BETELHEIN, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 367 p.

BETELHEIN, Bruno. **Uma vida para seus filhos**. Rio de Janeiro: Campus, 1988. 323 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais de Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. 14 ed.349 p.

— **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 6 ed. São Paulo: Itatiaia; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

MARTINS, Saul. **Folclore: Teoria e Método**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986. 441 p.

ROMERO, Sílvio. Folclore Brasileiro: **Contos Populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore Literário e Linguístico**. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 1995 2 ed.280 p.

ANEXO

Anexamos uma mostra dessas narrativas correntes na região de Pompéu/Minas Gerais/Brasil, registradas tal qual ouvimos; seguidas de breve comentário nosso.

1 | MULA-SEM-CABEÇA (HISTÓRIA)

“Há vinte anos atrás, lá perto de casa, apareceu, na Quaresma, uma mula-sem-cabeça. E fez o maior estrago. Ela pulou do pasto do Zé Afonso para o quintal da casa de minha tia. Onde ela passava arrancava todo o mandiocal.

A mula-sem-cabeça foi parar debaixo do pé de manga onde as galinhas estavam empoleiradas. Parecia que ela estava mastigando as galinhas e mexendo nos pés de milho. Minha tia, dentro de casa, acordada ouvindo tudo, ficou com medo de abrir a porta. Porque ela podia entrar e até matar as pessoas que estavam lá dentro, pois a mula-sem-cabeça vê os olhos e as unhas da gente como fogo.

No outro dia, a primeira coisa que minha tia fez foi olhar o que havia acontecido. E viu o estrago no mandiocal. Parece que a mula-sem-cabeça pulou para o quintal do Alcides e deixou rastro nos tijolos que estavam secando. E desapareceu misteriosamente.”

1.1 Mula-sem-cabeça (o mito)

Mula-sem-cabeça, de acordo com a estória mítica, é um híbrido acéfalo, pavoroso, consequência da maldição a que está sujeita a mulher que mantém relações sexuais com religioso. Por esse motivo, conhecida também por burrinha-de-padre. A mulher condenada a esse tipo de metamorfose, toda sexta-feira da Quaresma, à meia-noite, vira mula e sai a galope, soltando fumaça pelo buraco de onde saíra o pescoço. Em sua peregrinação, terá que percorrer sete Freguesias e voltar, no máximo, três horas após, ao lugar de partida, onde se espoja, para voltar a ser gente.

Quem se encontra com um desses monstros, defende-se escondendo as unhas e

tudo que brilhe. Ou, se conduzir um rosário, arrebenta-lhe a linha e lança as contas à sua passagem.

2 | LUZ SANTANA (HISTÓRIA)

“Um dia, meu avô estava na janela de sua casa e viu uma luz. Era a Luz Santana. Ele a chamou: “Vem aqui, Luz Santana!” A luz veio aproximando. Quando estava perto, meu avô fechou a janela e correu para dentro. Minha avó estava rezando no quarto: Rezando e chorando de medo. A luz passava por cima do telhado, iluminando-o como se fosse dia.

Outro dia, minha tia estava andando pra lá, pra cá, fazendo o irmãozinho dormir, quando, de repente, apareceu de novo a Luz Santana. Desta vez, voando sobre o campo, claro como o dia.

Muitas pessoas a viram nesse dia. E dizem que ela aprontava uma chieira danada. E que havia uma careta dentro. Dizem que, por onde a luz passava, ficavam pedrinhas quadradas. Mas, os que a viram de perto, ficaram amedrontados e não tiveram coragem de perguntar quem era ela.”

2.1 Luz Santana (a lenda)

A Luz Santana intriga os moradores de Pompéu desde longes tempos. Aparece, em geral, na boca do mato, em forma de imensa bola ou prato de luz azul de brilho intenso. Amedronta pobres mortais e desperta a curiosidade dos mais corajosos e sábios. Desafia estudiosos.

Muitos moradores da região, especialmente, da área rural afirmam tê-la visto. E a descrevem como uma imensa bola de luz azul. Mas nunca ninguém conseguiu chegar perto, ou decifrar-lhe os mistérios, que continuam incógnitas.

A luz misteriosa aparece, de repente, na boca do mato, beira de açudes, ou perto de cemitério. E persegue os caminhantes. Se a pessoa corre, a luz corre atrás. Se para a pessoa, para a luz, de modo a manter sempre certa distância. De repente, como apareceu, se eleva e desaparece sem deixar rastro.

Diversas histórias são criadas pela razão e imaginação fértil do povo, para explicar o fenômeno. Os incrédulos, que nunca presenciaram o fato, buscam explicações à luz da razão. Uns dizem que se trata de **fogo-fátuo**, luz que aparece à noite, geralmente emanada de terrenos pantanosos ou de sepulturas, e que é atribuída à combustão de gases provenientes da decomposição de matérias orgânicas. Outros afirmam tratar-se de um disco voador, vindo de outros planetas em missão aqui na Terra. Os crédulos, da camada popular, e os que afirmam ter testemunhado o fato, ou seja, visto com “estes olhos que a terra há de comer”, buscam em credices e superstições que, têm como gênese, acontecimentos reais e verdadeiros.

Selecionamos para este trabalho, algumas histórias recolhidas por nós que buscam

comprovar a veracidade da existência do fato, ou seja, da luz, que deu origem à lenda.

2.2 Origem da lenda

Em tempos idos, o circo mambembe era uma das maiores atrações no Brasil. Destes, surgiram inúmeras lendas. A maioria, tendo como protagonista a figura do palhaço, personagem que encantava o público, despertava o riso e, não raro, a paixão no coração das mulheres. Dentre os palhaços que conquistaram fama no picadeiro e na plateia, destaca-se o palhaço Santana, origem da lenda Luz Santana, ou A Luz do Santana, que registramos aqui.

Conta que, de passagem pelo Rio de Janeiro, uma moça da alta sociedade tomou de amores pelo Palhaço Santana. Quando o circo deixou a cidade, a mulher enamorada fugiu com o amado. Era tão bonita e atraente quanto o próprio palhaço desta história. Por onde o circo passava, a jovem carioca arrancava suspiros dos homens e a cobiça por uma noite de amor.

Em Pompéu, um poderoso coronel, seduzido pelos encantos da moça, mandou fazer proposta. Rejeitado, usou do poder da força, fazendo ameaças. Amedrontada, a jovem contou tudo para o companheiro, mas não se entregou nem por dinheiro nem por medo. Conhecida a fama do Coronel, sabiam que suas vidas estavam em perigo. Decidiram, então, fugir. Deixaram o circo e a cidade. Saíram de madrugada. A pé. Só os dois e seu cachorrinho. Entraram no mato e foram seguindo trilhos sem saber onde iam dar. Depois de muito caminhar, se julgando salvos, ouviram o tropel de cavalos dos jagunços atrás deles. Abandonaram os trilhos e se embrenharam na mata.

Os jagunços perderam suas pegadas. Iam já desistindo, quando ouviram o latido do cachorrinho. Nesta hora, o bando voltou; deixou os trilhos, entrou mata adentro e deu com os dois, que se entregaram sem resistência. A ordem, porém, era entregar os fugitivos mortos ao mandante. O casal pediu, rogou, implorou de joelhos. Em vão. Foram, impiedosamente, abatidos ali mesmo. A mulher, ajoelhada, com o rosário na mão. Os corpos foram levados para o cemitério da cidade, como prova de que a ordem fora cumprida. Ali velados pelas almas caridosas e por curiosos que tiveram coragem de testemunhar o fato. Dentre eles, uma senhora muito religiosa que esteve presente ao velório e assistiu ao enterro, com a alma compadecida. A que me contou essa comovente história na versão aqui registrada.

Enterrados os corpos, a alma do palhaço passou a vagar, aparecendo perto do cemitério e na boca do mato em fazendas da região, em forma de luz, uma luz azul, que deu origem à famosa Lenda da Luz Santana. Lenda que, de boca em boca, foi sofrendo modificações e acréscimos, de acordo com a imaginação popular, inspirando diferentes versões.

3 | MORRO DA SAUDADE

Da cidade de Pompéu, avista-se o lendário Morro da Saudade, com três cruzeiros no topo. Dentre as lendas que explicam a origem do topônimo, registramos esta variante recolhida em nossas pesquisas.

3.1 A lenda

Dizem que, nos primórdios de Pompéu, a filha de um poderoso fazendeiro se apaixonou pelo vaqueiro. Sabendo que não teriam consentimento, namoravam às escondidas. Sob a proteção da mãe, encontravam-se todos os dias no alto do morro existente na fazenda.

O pai descobriu e mandou matar o rapaz, ali mesmo. No local, ergueu-se uma cruz, como de praxe no sertão. A moça não se conformou. Subia o morro todos os dias e, aos pés da cruz, chorava a morte do amado. Foi definhando, definhando...

Morreu de saudade.

O pai a mandou enterrar no mesmo local e erguer outra cruz. Menor. A mãe, inconformada, subia o morro todos os dias, às escondidas do marido. E ali, ao pé da cruz, chorava a morte da filha e o destino do rapaz escolhido por seu coração. Foi definhando, definhando...

Morreu de saudade.

O marido mandou enterrar a mulher, ali mesmo onde morreu, ao lado da sepultura da filha. E outra cruz se ergueu ao lado das duas primeiras.

De boca em boca, espalhou-se a notícia da mulher e da filha do fazendeiro, que morreram no morro. De saudade. Daí, o morro tornou-se conhecido como Morro da Saudade. E assim ficou chamado.

4 | A MALDIÇÃO DA MULHER (CONTO ETIOLÓGICO)

Diz que quando Jesus andava pelo mundo, Ele tombou a carroça perto dum corgo. Tinha aquele tanto de mulher lavando roupa. Ele foi chegou perto, contou que estava com a carroça tombada e pediu ajuda. Nenhuma das lavadeira pôde ajudar, alegando que ainda tinha muito serviço por fazer, quando chegasse em casa: umas ainda tinham que fazer janta, outras tinham que lavar vasilha, dar banho em menino, outras tinham que passar a roupa.

Jesus andou mais um tiquim, chegou num boteco. Tinha uns homens bebendo. Ele entrou e contou que estava com a carroça tombada ali pertinho. Um deles foi só levantando e gritou para os outros:

– Vamos lá, gente!

Saiu todo mundo naquela alegria. Num instantinho, voltaram cantando para o boteco. Inda pagaram uma pinguinha pra Jesus e lhe serviram um tira-gosto na concha da

mão. Jesus então disse:

– Nunca há de faltar serviço para as mulheres. Nem tempo e cachaça para os homens.

Por isso que serviço de mulher nunca acaba.

*Entrou por uma porta
e saiu por outra,
quem quiser
que conte outra.*

5 I AS DUAS COMADRES (CONTO EXEMPLAR)

“Diz que era uma vez uma mulher pobre que trabalhava para a comadre rica. Todos os dias, a empregada fazia biscoitos. Quando acabava, lavava as mãos e a gamela e aproveitava a água para fazer mingau para os filhos.

Um dia, a comadre rica disse para a pobre:

– Comadre, hoje você vai aproveitar a água da gamela para fazer mingau para meus filhos, porque os seus estão gordos, e os meus estão magros.

A comadre pobre fez o mingau chorando, porque não havia nada de comer em casa para os seus filhos. Quando chegou e viu as crianças chorando de fome, explicou o acontecido e disse:

– Meus filhos, hoje eu não trouxe o mingau para vocês, mas não faz mal, vou pedir uma esmola à comadre. Ela há de me dar.

Voltou à casa da rica e disse:

– Comadre, eu vim aqui pedir uma esmola, porque meus filhos estão chorando de fome. E não tem nada de comer lá em casa.

A rica respondeu:

– Vai pedir esmola no inferno.

A pobre respondeu:

– Pois, hei de ir, comadre, e arranjar alguma coisa.

Voltando para casa, Nossa Senhora apareceu e falou pra ela pegar o menor coitezinho e levar. Disse que, no caminho para o inferno, encontraria um pilão socando, um serrote serrando e duas pedras batendo. – que eram as comadres brigando –. Ela pediu licença pra passar. Na porta do inferno, veria uma fileira de sinos. Batesse no menor.

Assim fez a mulher pobre. Quando chegou perto do pilão, do serrote e das duas pedras batendo, pediu licença e passou. Na porta do inferno, procurou o menor sino e bateu. Os capetinhas apareceram e perguntaram o que ela queria. Nessa hora, veio o capeta. A pobre contou toda a sua história. O capeta escutou e disse:

– Pois então, vou lhe dar uma moeda. Quando chegar em casa, ponha ela dentro de uma caixa e vai buscar um pote d’água. Assim fez a comadre pobre. Quando voltou com o

pote d'água, a caixa estava cheia de moedas. A comadre rica ficou sabendo; correu à casa da comadre pobre e perguntou:

- Comadre, onde foi que você arranhou esta caixa cheia de dinheiro?
- Você mandou pedir esmola no inferno, e eu fui. – respondeu humildemente.

A comadre rica, morrendo de inveja e ambição, disse:

- Ah, é!? Então eu vou também.

No caminho, Nossa Senhora apareceu e disse as mesmas coisas que tinha falado pra outra. A rica, enganada por dinheiro, pensou:

– A comadre levou o menor coité e ganhou uma moeda. Eu vou levar o maior. Assim ganho mais moedas do que ela e fico mais rica ainda.

Pegou o maior coité e se mandou pro inferno. Quando encontrou o pilão socando, o serrote serrando e as pedras batendo, pediu licença e passou. Na porta do inferno viu a fileira de sinos e falou:

– Se a comadre bateu no menor sino e ganhou aquele tanto de dinheiro, faço ideia do quanto vou ganhar, batendo no sino grande. E bateu o maior sino.

Nessa hora, os capetões apareceram, dizendo:

- Nós já estávamos te esperando.

Então, eles a jogaram para cima e espetaram com as pontas dos garfões, levando-a para os caldeirões de água fervente no fogo do inferno.”

6 | NEGRINHO DO PASTOREIO (CONTO RELIGIOSO)

“Diz-que no tempo em que o gado era criado na larga, um dia, um dos mais ricos fazendeiros da região mandou juntar o gado para contagem. Na hora teve um levante. E o gado levantado não vinha no curral de jeito nenhum. O fazendeiro contratou os melhores peões para ajudar. E nada. Quando muito, conseguiam trazer um boi. Amarrado. Pego no laço.

Nisso, apareceu um menino, pedindo emprego, oferecendo para ajudar. Mas não tinha mais cavalo. E todo mundo já tinha saído. O negrinho insistiu. Foi a pé. Num instantinho, prendeu o gado todo. O fazendeiro olhava da janela e só via o gado descendo de todo lado. Ficou impressionado. E ofereceu emprego, casa, comida, salário, tudo. O menino não quis aceitar, alegando que o serviço não servia para ele.

– Mas por quê? – quis saber o fazendeiro. – você deu conta de tudo, como nenhum vaqueiro, igual nem todos os peões juntos deram.

O negrinho pensou rápido e propôs:

- Só se o senhor vender um bezerrinho, que foi o que deu mais trabalho.
- Mas não tem bezerro. Só gado graúdo. – respondeu o fazendeiro encabulado.

Foram no curral. E o negrinho apontou:

- É este aqui.

Era um veado.

Dizem que o menino era o Negrinho do Pastoreio, escravo de um fazendeiro muito rico e mau. E que um dia, por ter perdido o pastoreio, foi castigado jogado em cima de um formigueiro para que as formigas comessem seu corpo. Três dias depois, quando o fazendeiro voltou pra ver, viu o Negrinho em pé, com o corpo liso. Em frente, a sua madrinha, a Virgem Maria, indicando que o Negrinho agora estava no céu. Desde esse dia, o Negrinho do Pastoreio aparece em todo lugar, para ajudar os vaqueiros em apuro. Neste dia, ele apareceu em Pompéu e ofereceu para juntar o gado levantado.”

7 | ANEDOTA

Diz-que um dia, o Sô Custódio estava debruçado no parapeito de casa quando viu passar, no curral, o Fio da Boa Vista, vizinho de fazenda – um cara boa vida, com fama de mentiroso pelos casos mirabolantes e anedotas. Aí puxou prosa:

– Oi, Fio, apeia, contar uma mentira pra nós!

– Agora não posso, Sô Custódio, tô indo ali no Lacerdino avisar que o Dindão morreu. – responde o outro, trotando apressado.

Chocado com a notícia, Custódio mal pôde contar para a mulher da morte súbita do enteado. Mandou selar o cavalo e partiu a galope para assistir aos funerais no arraial.

Chegou e encontrou o morto mais vivo do que nunca. Voltou na mesma pisada. Cuspindo marimbondo, esperou o outro de volta no seu trotar tranquilo, para tirar satisfação. À fúria do Sô Custódio, o outro, respondeu com a calma costumeira que lhe empresta a graça:

– O senhor não pediu pra contar uma mentira?!

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescente 21, 28, 32, 40, 42, 43, 46, 48, 52, 64, 65, 67

Altas habilidades 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

Aprendizagem 9, 12, 13, 14, 49, 52, 55, 57, 58, 61, 80, 84, 87, 91, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 122, 128, 140, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 158, 161, 163, 171, 172, 176, 190, 193

Artes visuais 86, 87, 88, 89, 92, 95, 96, 97

Avaliação 13, 26, 32, 36, 60, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 92, 100, 140, 143, 144, 146

B

Bloques de base diez 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137

C

Comparaciones internacionales 203, 208

Comunicación educativa 1, 3, 6, 7

Contos 187, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196

D

Desigualdades sociales 203, 204, 205, 206, 207, 208

Diretrizes da educação 179, 181

E

Economia popular e solidária 166, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177

Educação 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 23, 25, 28, 31, 34, 37, 38, 40, 41, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 62, 64, 66, 67, 68, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 140, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 157, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 195, 212, 213, 217, 218

Educação de jovens e adultos 8, 9, 11, 15, 17, 18, 107

Educação empreendedora 166, 167, 168, 171, 172, 177

Educação especial 8, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186

Educação física 50, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127

Educação superior 54, 76, 77, 80, 81, 82, 84, 85, 115

Enade 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 85

Ensino 1, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 34, 36, 38, 40, 41, 43, 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 75, 77, 78, 79,

80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 91, 92, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 141, 142, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 165, 167, 171, 172, 176, 182, 183, 184, 190, 191, 193, 195, 212, 217, 218

Ensino de ciências 8, 64, 218

Ensino fundamental 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 33, 40, 43, 64, 65, 66, 68, 69, 75, 92, 148, 149, 150, 156, 182, 184, 193, 217

Ensino médio 1, 14, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 33, 36, 38, 40, 43, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 148, 150, 156, 159, 160, 167

Ensino médio integrado 120, 121, 122, 125, 126, 127

Escola 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 23, 25, 26, 28, 31, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 78, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 143, 145, 146, 149, 150, 158, 159, 160, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 175, 176, 182, 184, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Escolha 11, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 69, 72, 82, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 107, 121, 154

Escolha profissional 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 37, 38

Evasão 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 49, 84, 149, 158, 161, 163

F

Fondos de conocimiento 128, 131

Formação 12, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 25, 32, 38, 41, 43, 50, 54, 55, 56, 58, 59, 61, 62, 67, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 127, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 152, 153, 158, 165, 168, 172, 175, 176, 183, 184, 185, 189, 190, 191, 195, 218

G

Gênero 28, 88, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 189

Gestão 2, 8, 13, 23, 36, 39, 41, 48, 50, 51, 53, 57, 61, 62, 81, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 143, 174, 178

I

IFBA 120, 121, 122, 125, 126

Indumentária 146, 148, 150, 158, 162, 165

Inserción de los jóvenes 203

J

jovens em conflito com a lei 39, 41, 48

L

Lendas 187, 191, 193, 198, 199

Licenciatura 53, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 95, 96, 99, 218

Literatura 20, 21, 24, 27, 35, 37, 120, 122, 141, 148, 149, 150, 166, 181, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 195, 208

M

Matemática 8, 128, 129, 130, 131, 132, 136, 137, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 218

Mediação tecnológica 1

Metacognição 128

Mitos 67, 183, 185, 187, 191, 193, 194

Modelagem matemática 146, 147, 148, 149, 158, 165

Mobilidade social 203, 204, 209

N

Narrativas da tradição oral 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195

Neoliberalismo 166, 168, 177, 178

Números decimais 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137

O

Orientação profissional 20, 21, 22, 23, 24, 26, 33, 35, 36, 37

P

Permanência 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 44, 105

Pesquisa investigativa 64, 65

Políticas do saber 86

Projetos 18, 24, 25, 28, 36, 50, 79, 94, 100, 117, 146, 163, 164, 167, 175, 176

Psicologia sócio-histórica 20, 21

Q

Qualidade 13, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 90, 100, 102, 105, 106, 107, 123, 148, 156, 163, 180, 185, 195, 213

R

Redes sociales 1, 2, 5, 6

Rendimiento de los diplomas 203

Representaciones conflictivas 128

Representaciones múltiples 128

Reproducción social 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209

República 41, 77, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118

S

Sexualidade 49, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 120, 125, 126, 127

Silvio Duarte Bock 20, 21

Sociedade 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 28, 33, 35, 40, 42, 43, 49, 50, 75, 79, 81, 82, 85, 88, 96, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 123, 124, 125, 147, 151, 154, 165, 169, 172, 175, 176, 179, 185, 190, 194, 195, 198, 212

Socioeducação 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 51, 52

Superdotação 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

T

Teoria-prática 54, 55, 56, 61

Terapia ocupacional 54, 55, 56, 62, 63

TIC 7





U

Unidade de internação 39, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

4

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

4

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br